

Peregrinação do Rosário e Vida  
Maria, contemplação e pregação da Palavra  
Santuário de Fátima  
29 de Setembro de 2013

1. A parábola do rico sem nome e do pobre Lázaro é uma das páginas bem simbólicas dos comportamentos humanos. O rico não tem nome. Ele identifica-se com as suas riquezas. Pelo contrário, o pobre tem nome – Lázaro – o mesmo nome do amigo de Jesus. Normalmente, o evangelho não usa nomes próprios nas parábolas, só aqui faz uma excepção, para dizer que cada pobre é um amigo predilecto de Deus.

«Ora sucedeu que o pobre morreu e foi colocado pelos Anjos ao lado de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado». O pobre é elevado e o rico é rebaixado. Qual o pecado do rico? Não foi o prazer ou a gula ou até o facto de ser rico, mas o pecado da indiferença. A indiferença é o contrário do amor. O maior mal que podemos fazer é não fazer o bem.

Quanto pecado de omissão! Fazer o bem é o grande desafio para cada um de nós. O bem faz sempre bem. O contrário é também verdade, isto é, o mal faz sempre mal. Por isso, sejamos bons e construamos o bem comum!

A eternidade já começou desde o nosso Baptismo e o inferno é só o prolongamento das nossas escolhas sem coração. Não é a morte que converte, mas a própria vida. Deus está na vida. Quem não se põe o problema de Deus e dos irmãos diante do mistério inestimável da vida?

Os milagres ou as visões não mudam o coração. O grande milagre é o grito dos pobres, que é palavra de Deus e carne divina: «o que fizestes a um destes mais pequeninos, a mim O fizestes!» (Mt 25,40). Na sua fome é Deus que tem fome, nas suas chagas é o próprio Deus que está chagado.

A terra está cheia de Lázaros. Procuras Deus? Não é no rico, regalado na sua propriedade, mas no pequeno, no estrangeiro, no mais ferido e chagado. É ali onde um ser humano não tem ninguém à sua volta a não ser os cães. É ali onde eu tenho medo de ser, Deus está. Se Jesus dá ao pobre o nome do seu amigo Lázaro, cada pobre tenha também para mim um nome de amigo. Cristo continua a proclamar na sua Igreja, chamada a ser perita em humanidade: «Bem-aventurados os pobres!».

## 2. Contemplação e pregação

A Senhora de Fátima, aqui neste lugar sagrado da Cova da Iria, apresenta-se como a Senhora da fé contemplativa e pregada no silêncio. Parece uma contradição, mas não é. De São Domingos, o fundador da Ordem dos Pregadores continua a ecoar para os novos caminhos da missão: «o silêncio é o pai dos pregadores».

Muitas pessoas pensam que a evangelização se faz apenas com a pregação. A evangelização não dispensa a pregação, mas privilegia a contemplação. As relações pessoais são mais determinantes que a mensagem que se anuncia. O desafio exigente dos tempos actuais é a acção contemplativa, da qual Maria é o nosso modelo.

Madre Teresa de Calcutá, a mulher crente e orante que reconhecia Deus no rosto sacramental do pobre, dizia: «Silêncio dos nossos olhos. Silêncio dos nossos ouvidos. Silêncio da nossa boca. Silêncio do nosso espírito. No silêncio do coração, Deus falará».

Contemplar Deus, ou melhor, deixar-me contemplar por Ele, é o segredo para uma vida motivada e feliz do autêntico discípulo missionário de Cristo.

## 3. Rosário, escola da paz

Na oração do rosário, estamos na escola de Maria e com ela aprendemos a contemplar o único mistério de Deus, que é o próprio Jesus Cristo.

Rezar o rosário na vida é experimentar que a verdadeira caridade é amar sem esperar nada em troca. É isto que faz a diferença e nos faz diferentes num mundo complexo em que vivemos.

No regresso a nossas casas teremos, antes de mais (nós os portugueses), de exercer o direito e o dever de voto nestas eleições autárquicas, e de vivermos ao serviço do Bem comum, na construção da justiça e da paz.

Na prática da caridade, dizemos quem somos. A ajuda aos pobres converteu-se desde as origens, como uma carta da identidade do cristianismo. A prática da caridade é o rasgo irrenunciável da Igreja, ao serviço da pessoa humana e da paz.

+ José Manuel Cordeiro  
Bispo de Bragança-Miranda